Luta, Projetos e Identidades: um estudo da imprensa de nativos São-tomenses na Primeira República Portuguesa (1910-1926), a partir do jornal *A Liberdade* (1920-1923)

Jéssica C. Rosa*

Orientadora: Prof. Dra. Lucilene Reginaldo

Resumo

O presente trabalho analisa a imprensa são tomense no período da Primeira República Portuguesa, tendo como objeto o jornal *A Liberdade*, que circulou entre 1919 e 1923. A análise busca entender quais os projetos, insatisfações e disputas da elite nativa de São Tomé e Príncipe, no período.

Palavras-chave:

Imprensa; São Tomé e Príncipe; Primeira República Portuguesa.

Introdução

A imprensa nas colônias portuguesas na África surge ao final do século XIX. Em 1836 o Marquês de Sá da Bandeira, por meio do decreto de 7 de dezembro, determina que haja, nas possessões ultramarinas, publicação de boletins oficiais que transmitam informações legais, comerciais e gerais. A partir de então, há uma sequência de jornais oficiais e não oficiais, como, por exemplo, *Equador*, de 1869, primeiro jornal independente do arquipélago.

Impressos ora no território ilhéu, ora em outras áreas do continente africano, e até mesmo em Lisboa, as publicações em São Tomé e Príncipe tiveram diferentes propostas, objetivos e formatos. A historiografia costuma dividir essas publicações em 3 grupos: as oficiais, as dos ilhéus, e as dos europeus. Nesse trabalho, me dedico ao estudo de um jornal de ilhéus (nativos da ilha), publicado entre 1919 e 1923, sendo seus 18 primeiros números desconhecidos dos historiadores.

Resultados e Discussão

A proposta inicial do trabalho envolvia a leitura de cinco jornais publicados entre 1910 e 1930, em São Tomé e Príncipe (*Folha de Annuncios/A Verdade, A Liberdade, O Trabalho, O Combate e Equador* – que não é o mesmo jornal do século XIX). A leitura das fontes, porém, me fez perceber que o volume de documentação e suas potencialidades de análise tornavam impossível o trabalho com todos os jornais em um ano.

Dessa forma, escolhi, primeiramente, jornais dirigidos e editados por nativos de São Tomé e Príncipe, uma vez que, desde a pesquisa que desenvolvi entre 2016 e 2017, que teve como fonte a legislação a respeito do trabalho no arquipélago, me interessei pelos projetos da elite são tomense e as disputas políticas, sociais e raciais que existiam na então colônia portuguesa.

A partir desse recorte, escolhi o jornal *A Liberdade* como objeto e fonte, uma vez que os constantes embates que promoveu contra a administração local do arquipélago, bem como sua preocupação com o racismo e a busca por uma equiparação legal em relação aos portugueses atraíram muito minha atenção.

Para a análise desse jornal, li os dez números disponíveis online no site <http://expocomum.org/stp>. Cada exemplar possui 4 páginas de conteúdos dos mais variados assuntos, dentre eles, as críticas à administração colonial, a defesa da República e os interesses dos nativos. O periódico passa a ser publicado, a partir do número 19, em Lisboa em razão das perseguições que sofre por parte dos administradores.

O editor do jornal é Josué Aguiar, a respeito do qual não encontrei bibliografia até o presente momento, mas que pude saber, esteve envolvido com a publicação de jornais posteriores e com a vida política da colônia. Vale destacar, ainda, que não há um processo de profissionalização da imprensa, dessa forma, os colaboradores do jornal não tinham nele sua única fonte de renda.

Outro ponto importante, a respeito da metodologia e das escolhas, é o meu recorte temporal. Ainda que ele seja o mesmo da Primeira República Portuguesa, deve-se atentar que o pretendido aqui é uma história que parta da perspectiva dos colonizados. As alterações políticas de Portugal, contudo, influenciam diretamente nas expectativas, projetos e relações que se estabelecem nas colônias africanas. O inverso também é verdadeiro, tendo em vista que São Tomé e Príncipe, por exemplo, participava politicamente da metrópole, com direito ao voto e através de manifestações, influenciando a política da metrópole.

Conclusões

Importante destacar que abordei a imprensa como fonte e objeto de pesquisa, uma vez que a entendo como documento a partir do qual é possível analisar os projetos que a elite nativa formulou para São Tomé e Príncipe durante a república, mas também como espaço onde as mesmas elites constroem uma identidade comum, em termos políticos e culturais, que será retomada, décadas depois, durante o processo de independência.

A imprensa produzida pela elite nativa de São Tomé e Príncipe, no período, é motivada pela mudança política que altera suas expectativas e projetos para o arquipélago. Havia o interesse de equiparar-se aos portugueses continentais, uma vez que, pela constituição, os são-tomenses seriam portugueses do ultramar. Dessa forma, teriam os mesmos direitos ao trabalho, cargos públicos e justiça. Na prática, porém, há privilégios exclusivos aos europeus, que agrega o conflito de raça à relação colonial.

Desta forma, o trabalho até aqui desenvolvido busca destacar os projetos dos ilhéus e suas decepções em relação ao regime republicano, ressaltando ainda que a reivindicação pacífica e civilizada por igualdade judicial e civil e tinha na imprensa seu principal veículo de comunicação.

Agradecimentos

Agradeço minha orientadora Lucilene Reginaldo, pelas sempre sábias e valiosas sugestões, e a Matheus Pereira, pela detalhada e cautelosa leitura dos trabalhos.